



J. Chrys Chrystello*

Que futuro?

Confúcio disse «não tento conhecer as perguntas; tento conhecer as respostas», neste caso estou pior, pois nem perguntas nem respostas.

“*Nem sempre chega sorrir, só porque se está vivo.*” João Franco (Revista Nova Águia, número oito) interroga «se Portugal ainda existirá no séc. XXI?

- Dois caminhos estendem-se à nossa frente, a escolha que for feita, determinará a sobrevivência ou o desaparecimento do país.

Por um lado, estende-se o caminho da perda de soberania, com o conseqüente esboroar de Portugal, diluído numa Europa burocrática e cinzenta, ou numa Ibéria. Por outro, o caminho de um reerguer nacional, em que Portugal recupere independência, isto é, a capacidade e autonomia de tomar decisões quanto ao seu futuro”.

Não são poucos os que defendem que por detrás da dita «crise da dívida soberana» se encontra um impulso – mais ou menos subterrâneo ou intencional – para criar uma «federação europeia», não-democrática, dominada pelas elites económicas e financeiras do norte da Europa. Até europeístas convictos, como eu, começam a ter dúvidas.

Bem sei que hoje não existem líderes europeus como os que sonharam a Europa, mas a sistemática destruição da unidade europeia, a troca de trinta moedas, encapuçada numa tirania mundial sem cara, nada augura de bom. Não creio que surjam, do nada, líderes capazes de se oporem a esta oligarquia do lucro sedeadada na América, com agendas secretas de aniquilar a Europa e salvaguardar os interesses assentes no dólar.

Convém não esquecer que os EUA estão tão falidos, que a sua dívida soberana está quase toda nas mãos dos chineses e por isso a autonomia ou independência norte-americana estão tão comprometidas como a europeia. Por outro lado,

a Europa, de tão envelhecida que está, corre o risco de se tornar deserta de europeus a muito curto prazo e, mais dia, menos dia, passarão a ser governados por burca e sharia, embora não se possa dizer isto por ser politicamente incorreto.

Almeida Garrett em Viagens na Minha Terra perguntava aos economistas políticos, aos moralistas se «já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infâmia, à ignorância crapulosa, à desgraça invencível, à penúria absoluta, para produzir um rico... cada homem rico custa centos de infelizes, de miseráveis.”

Claro que não, pois eles nem sequer dão conta da existência desses seres, quando muito serão algarismos desgarrados, sem família nem existência própria, meras casas decimais nos cálculos de lucro. Ao lado, muitas vezes sem sabermos, nem vermos, nem ouvirmos, as famílias vão morrendo asfixiadas na sua miséria, pobreza e humilhação... famílias que até há pouco eram pilares da comunidade...

Esta Guerra mundial a que ora assistimos é mais impiedosa e brutal que a depressão de 1929, mas nem por isso menos mortífera. E o povo iletrado – mas licenciado com canudo e tratamento por doutor – assiste a tudo incrédulo refugiando-se numa qualquer telenovela, com futebol, Fátima e fado, como sempre foi seu apanágio. As elites – que depois do 25 de abril foram chamadas fascistas e fascizantes – sempre lideraram movimentos – mas como estão em vias de extinção não lideram nada. Faltam Movimentos como um novo MDP (na fase original)¹ ou a Seara Nova para aglutinar a *intelligentsia* que resta, e dar o grito do Ipiranga que tanto é necessário neste país. Não contem com os militares que nem com eles podem contar... e não acreditem em referendos populares que estes funcionam bem no papel, mas na prática deixam muito a desejar.

Se já tiverem uma idade respeitável, como a minha, em que emigrar está fora de questão,

as alternativas são poucas. Dito isto, creio que a única hipótese é juntar a pouca elite que resta, criar um Governo de salvação nacional e liderar, antes que se afaste como a «Jangada de Pedra» rumo (não ao oceano, mas) ao abismo para onde caminha demasiado depressa para que o possamos parar. Pode nem ser a tempo, mas ficaríamos com a sensação de que salvaríamos o país. Com esta gente (e partidos) não há democracia que resista e teremos mais do mesmo, qualquer que seja o partido ou a coligação no poder. Eles criaram o «sistema» da impunidade na justiça, da não-educação no ensino, da saúde que nos querem tirar e da forma de entrelaçarem os negócios para saírem sempre vencedores, qualquer que seja o partido no poder.

1 - O Movimento Democrático Português/Comissão Democrática Eleitoral (MDP | CDE) foi uma importante organização política da Oposição ao regime do Estado Novo, antes do 25 de abril. Fundado em 1969, atuou através de comissões democráticas para concorrer às eleições legislativas. Em 1973 participou no Congresso Democrático de Aveiro. Depois do 25 de abril constituiu-se como partido político, fazendo parte de todos os Governos Provisórios, com exceção do VI. Concorreu à eleição para a Assembleia Constituinte de 1975 sozinho e, a partir de 1976, em coligação com o PCP, formando a APU. Em 1987, apresentou-se às eleições com listas próprias e militantes dissidentes formaram a Associação de Intervenção Democrática (ID), que continua a integrar, como independente, as listas do PCP - Partido Comunista Português. Em 1994 fundiu-se com o grupo editor da revista “Manifesto”, dando lugar ao movimento Política XXI, uma das correntes fundadoras do Bloco de Esquerda.

*Jornalista, MEEA/AJA (Australian Journalists' Association - Membro Honorário Vitalício 1983-2018)

Bolieiro assina acordo de geminação entre as cidades de Ponta Delgada e de Kaua'i no Hawaii



O presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, José Manuel Bolieiro, e o Mayor Bernard P. Carvalho Jr. assinam, a 14 de Novembro, às 17h00, no Salão Nobre dos Paços do Concelho

o acordo de geminação das cidades de Ponta Delgada e Kaua'i, no Hawaii. A cerimónia conta com uma intervenção de João Bosco Mota Amaral sobre as relações históricas dos dois arquipélagos.

O acordo em questão tem em conta as relações históricas existentes entre os Açores e o Hawaii, que “importa reconhecer e desenvolver, no âmbito do Poder Local, à luz do relacionamento amistoso entre Portugal e os Estados Unidos da América”.

O mesmo acordo surge no ano em que decorrem as comemorações do 140º aniversário da chegada dos primeiros emigrantes portugueses ao Estado do Hawaii, importante destino da emigração açoriana na segunda metade do século XIX.

A ilha de Kaua'i foi um dos destinos da emigração açoriana também proveniente da ilha de São Miguel, do que resultam cumplicidades culturais que podem ser potenciadas nos planos so-

cial e económico.

O Condado de Kaua'i aprovou, a 25 de Junho de 2008, a sua Resolução nº 2008-31 para estabelecer uma relação de Cidades-Irmãs com Ponta Delgada.

Por sua vez, a Câmara de Ponta Delgada deliberou, a 29 de Outubro último, aceitar a proposta de geminação com o Condado de Kaua'i.

Saliente-se que o mesmo Acordo de Geminação propõe-se desenvolver relações culturais, sociais e económicas de aproximação e cooperação entre as duas comunidades.

A comitiva havaiana é constituída por 15 individualidades, entre as quais Representantes Estaduais, membros da Universidade do Hawaii e um grupo cultural local.